

SAÚDE NA BÍBLIA HEBRAICA

Elias Brasil de Souza

Resumo

A partir do texto bíblico, em sua forma final aceito como Escritura pela Igreja, sem deter-se na análise crítico-histórica, são analisadas diversas passagens que valorizam a saúde, tanto nas relações comunitárias como nas relações com o meio ambiente. Na sua percepção holística da saúde a Bíblia inclui não somente aspectos materiais mas, também, espirituais. Diante da sede de poder econômico, em busca do lucro egoísta, que ameaça a vida, a saúde, e a própria natureza, procura-se o caminho da valorização das dimensões totais do ser humano e do respeito às demais criaturas e ao meio ambiente.

Abstract

From the biblical text, as accepted like Scripture by the Church, even without an accurate historical-critical analysis, it's possible to verify several excerpts regarding health in community relations and environment. The health's holistic perception on the Bible includes material and spiritual aspects. In front of the lust for economic power; the selfish gain which threats life, health and nature, there is the necessity to valorize the overall dimensions of the human being and the respect for the creatures and the whole environment.

Introdução

A Bíblia Hebraica contém uma variada gama de textos que valorizam a saúde e inspiram trajetórias para uma vida saudável, na esfera comunitária e na experiência do indivíduo em suas relações com o meio ambiente. O presente artigo examina essas relações, abordando o conceito bíblico de saúde e suas implicações para a higiene, alimentação e meio ambiente. Adotando-se o método canônico proposto por Brevard Childs¹, toma-se a forma narrativa e final do texto bíblico como base para as considerações a seguir. Embora a erudição bíblica em sua abordagem crítico-histórica tenha buscado identificar as tradições e fontes subjacentes ao atual texto das escrituras hebraicas, o presente estudo privilegia a forma final do texto aceito como Escritura pela Igreja. Por isso, na medida em que as diversas passagens forem citadas ou mencionadas, não existe a preocupação de identificar as fontes ou tradições subjacentes ao texto

1. CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress, 1979.

bíblico, uma vez que este trabalho articula a relevância retórica da Bíblia Hebraica para o tema em estudo.

1. Conceito bíblico de saúde

A Organização Mundial de Saúde define “saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social”². Cabe ressaltar que a Bíblia Hebraica não contém uma palavra específica para expressar o conceito moderno de saúde, tal como entendido na atualidade pelas ciências médicas. Na verdade, a percepção hebraica de saúde revela uma compreensão mais ampla do que a sugerida pela OMS. Os hebreus não separavam a saúde física de sua dimensão espiritual, pois a relação com Javé, formalizada pela aliança, deveria ser desenvolvida em todas as esferas da vida.

Embora existam vários termos hebraicos para expressar a qualidade de vida parcialmente preconizada pela OMS como saúde, é o vocábulo *shalom* que melhor expressa o conceito de saúde na Bíblia Hebraica. Esta palavra, cujo significado básico é “paz,” ocorre aproximadamente 240 vezes na Bíblia Hebraica e somente 38 vezes é usada em contextos que a contrastam com guerra. Na realidade *shalom* contém um amplo espectro de significados e pode expressar em alguns textos a noção de plenitude, prosperidade, bem-estar e, conseqüentemente, “saúde”³. Em algumas passagens, esta é a palavra hebraica subjacente ao termo “saúde”, como se pode ver nas seguintes passagens: “Ele perguntou pela saúde (*shalom*) deles e ajuntou: “Vosso velho pai, do qual me falastes, vai bem? Ainda vive?” (Gn 43,27, Versão Ave Maria)⁴. “Moisés saiu ao encontro de seu sogro, prostrou-se e beijou-o. Informaram-se mutuamente sobre a sua saúde (*shalom*) e entraram na tenda” (Ex 18,7)⁵. A Bíblia de Jerusalém traduz o termo *shalom* nesta última passagem como “bem-estar,” o que também se enquadra na percepção bíblica de saúde⁶.

As várias ocorrências de *shalom* no texto hebraico indicam uma percepção holística da saúde, pois no termo *shalom* articula-se uma noção de saúde como estado de bem-estar, prosperidade, e satisfação plena do corpo e do espírito em ambiente de harmonia e integração do indivíduo com a comunidade e com a natureza. Daí a afirmação de que a “grande contribuição do conceito bíblico de saúde é seu caráter positivo e sua visão holística”⁷ do ser humano.

Um aspecto adicional, que reforça a visão holística, diz respeito ao relacionamento entre o indivíduo e a comunidade com Javé. Do ponto de vista bíblico, saúde

2. SEGRE, Marco e FERRAZ, Flávio Carvalho, *Revista de Saúde Pública*, vol. 31 n. 5 São Paulo, Out. 1997. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101997000600016&script=sci_arttext

3. NEL, Philip J. “*shalom*” in *New International Dictionary of Old Testament Theology & Exegesis*, editado por VANGEMEREN, Willem, Zondervan, Grand Rapids, MI, 1998, 4,130.

4. <http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/1.php>.

5. <http://www.bibliacatolica.com.br/01/1/1.php>.

6. Veja-se, por exemplo, a *Bíblia de Jerusalém*.

7. MARTÍNEZ, Pablo. “The Right to be Human,” *Evangelical Review of Theology*, vol. 10, 2000, p. 274.

inclui a dimensão espiritual. Afinal, saúde (*shalom*) é uma promessa de Javé: “Estabelecerei paz (*shalom*) na terra; vós vos deitareis sem que nada venha perturbar-vos; farei desaparecer da terra os animais nocivos; a espada não passará mais na vossa terra” (Lv 26,6)⁸.

Saúde também se expressa como dádiva de Javé. Na experiência de cura de Ezequias, aquele rei reconheceu que “minha amargura se transmudou em salvação (*shalom*). Tu te ligaste à minha vida para que eu evite a cova e atiraste para trás de ti todos os meus pecados” (Is 38,17). Neste texto, Ezequias faz um contraste entre a doença que quase o vitimou e a paz/salvação/saúde (*shalom*), que Javé graciosamente lhe concedeu.

Ademais, em um texto sapiencial nota-se a conexão entre a saúde/paz (*shalom*) e a obediência à lei de Deus. Como expressou o sábio: “Meu Filho, não te esqueças do meu ensinamento, que o teu coração siga os meus preceitos. Eles aumentam-te os dias e anos de vida, e também a paz” (Pr 3,1-2; cf. Dt 28). Em Nm 25,12, Javé oferece uma aliança de paz, promessa reiterada na tradição profética da Bíblia Hebraica (Is 54,10; Jr 32,40; Ez 34,25). Em contraste, para o ímpio não há paz (Is 48,22; 57,21; 59,8).

Uma condição fundamental para a experiência de *shalom* é o desfrutar de um relacionamento com Javé. Espera-se do indivíduo e da comunidade um relacionamento com Javé, expresso na obediência às suas leis. Como bem expressou Alain Marchadour: “Estar com Deus é viver, estar contra (ou fora de) Deus é morrer. Ao longo de toda a sua história, Israel afirma a sua fé mediante esta alternativa e (quando as aparências parecem desmenti-la) expressa diante dela suas dúvidas. Esta correspondência necessária entre aliança e Vida, repulsa da aliança e morte,” continua Marchadour, “não se expressa com tanta clareza em nenhum outro lugar como nesta passagem do Deuterônômio”⁹:

“Vê: hoje ponho diante de ti a vida (*hayyim*) e a felicidade (*tob*), a morte e a infelicidade, eu, que hoje te ordeno ames o Senhor teu Deus, andes nos seus caminhos, guardes seus mandamentos, suas leis, seus costumes. Então, viverás e te tornarás numeroso, e o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra onde entras para dela tomares posse. Mas se teu coração se desvia, se não escutas, se te deixas arrastar a prosternar-te diante de outros deuses e servi-los, eu hoje vos declaro: desapareceréis totalmente, não prolongareis vossos dias no solo em cuja posse vais entrar, quando atravessares o Jordão. Hoje, tomo como testemunhas contra vós o céu e a terra: foi a vida e a morte que pus diante de ti, a bênção e a maldição. Escolherás a vida para que vivas, tu e tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, escutando a sua voz e ligando-se a ele. Nisto está tua vida e a tua longevidade, para habitares no solo que o Senhor, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó” (Dt 30,15-20).

8. *Bíblia, Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo, Loyola, 1994. Nas citações de textos bíblicos será esta a tradução seguida.

9. MARCHADOUR, Alain. *Muerte y vida en la biblia*, Cuadernos bíblicos 29. Editorial Verbo Divino, Navarra, Espanha, 1980.

Na Bíblia Hebraica o conceito de saúde, além de *shalom*, deve incluir o conceito de vida (*hayyim*) e felicidade (*tob*). Palavras que também exprimem um estado de bem-estar, prosperidade e harmonia do indivíduo e da comunidade no contexto de um meio ambiente receptivo e propício à vida. Tal estado de vida e felicidade define a saúde desfrutada pelo povo no contexto da aliança com Javé. Assim em sua percepção holística da saúde, a Bíblia Hebraica inclui não somente aspectos materiais, mas também espirituais.

2. Saúde e higiene

Uma boa saúde depende de higiene e outras medidas para prevenção de doenças, incluindo-se o necessário e indispensável descanso. Para o antigo Israel, o descanso estava institucionalizado no mandamento do *Shabbath*, pois a observância deste mandamento ensinava o princípio básico da necessidade de repouso e estimulava uma relação vertical com Javé (Ex 20,8-11). Desconsiderar este princípio poderia levar à exaustão e ao estresse¹⁰. O descanso no *Shabbath* também se aplicava aos animais. Assim o repouso ordenado por Javé, além de contribuir para saúde dos humanos, também apontava para a relação destes com a natureza e propiciava uma atmosfera de integração dos humanos com o meio ambiente e com Javé.

Parte da assim chamada legislação sacerdotal do Pentateuco se ocupa de procedimentos relacionados com a prevenção de doenças e a conseqüente preservação da saúde. Por exemplo, as prescrições para isolamento de pessoas suspeitas de estarem infectadas pela “lepra” ilustram um aspecto interessante da legislação hebraica que contribuía para inibir difusão de doenças contagiosas. Embora a “lepra” mencionada na Bíblia não se refira à hanseníase, mas a vários tipos de escamações da pele¹¹, as conseqüências benéficas das leis contidas no Pentateuco para a profilaxia de doenças contagiosas parecem evidentes.

É interessante que na Bíblia “mãos limpas” tornou-se uma metáfora para uma consciência limpa, o que parece indicar quão importante era este ato tão elementar de higiene no contexto bíblico (Dt 21,6; 2 Sm 22,1; Sl 18,21; Jó 9,30; 22,30). Alguns textos mencionam o lavar os pés como parte do ritual de hospitalidade. Os sacerdotes também deveriam lavar as mãos e os pés antes de desempenharem seus deveres (Ex 30,18-19.31; 40,30-31; Dt 21,6; 2Cr 4,6)¹². A ênfase na pureza incluía lavagem frequente, principalmente antes das refeições, a limpeza de panelas ou a sua destruição (Lv 11,33), saneamento e coleta de lixo adequada (Dt 23,12-14) e as casas deviam ser mantidas livres de mofo e bolor ou então destruídas.

10. MARTÍNEZ, Pablo, “The Right to be Human,” *Evangelical Review of Theology*, vol. 10, 2000, p. 274-275.

11. SAWYER, John F.A. “Note on the etymology of *Sara ‘at*.” *Vetus Testamentum* 26, 1976, n. 2, p. 241-245.

12. Veja-se BOROWSKI, Oded. *Daily Life in Biblical Times*. Archaeology and Biblical Studies. Atlanta: Scholars Press, GA, 2003, p. 78.

É claro que estas leis situam-se em um contexto de pureza ritual¹³. Por exemplo, a razão dada para a pureza do acampamento era que “o próprio Senhor, teu Deus, vai e vem no meio do acampamento para te salvar, entregando-te os teus inimigos; todo o acampamento é santo, e o Senhor nada deve ver que o envergonhe: ele cessaria de te acompanhar” (Dt 23,15). Contudo cabe ressaltar que embora estes textos possam ser interpretados em sentido meramente cültico ou ritual, não se podem negar as implicações desta legislação para a saúde do indivíduo e da comunidade. Ademais, do ponto de vista da percepção holística que os hebreus tinham da saúde, a noção de “salvar” é ampla o suficiente para incluir a ideia de saúde.

Podemos ainda notar a contribuição das várias leis que orientavam a conduta sexual dos israelitas (Lv 15), incluindo-se a circuncisão (Lv 12,3) e outras normas éticas que abordavam a sexualidade (Ex 20,14). Aspectos aparentemente triviais como emissões corporais parecem implicar em deferência recíproca pela sexualidade tanto de homens como de mulheres. E no contexto ritual em que esta legislação se insere as leis fomentavam a nutrição da vida¹⁴. É razoável presumir que tais instruções, embora formuladas e inseridas no contexto das atividades do santuário, poderiam exercer papel importante na prevenção de doenças transmissíveis e assim contribuíam para uma melhor qualidade de vida.

3. Saúde e alimentação

O conceito de saúde não pode ser dissociado da dieta e das prescrições alimentares dos antigos hebreus. As questões alimentares eram muito caras a Israel e muito cedo na vida daquela comunidade as preocupações com a alimentação correta adentraram seus textos sagrados.

Na percepção da metanarrativa hebraica, destaca-se a ideia de que a primeira dieta, a dieta ideal, consistia em alimentos de origem vegetal. No relato da Criação, em Gn 1, o alimento dado pelo Criador aos entes criados consistia em uma dieta puramente vegetariana: “Deus disse: ‘Eu vos dou toda erva que produz a sua semente sobre toda a superfície da terra e toda árvore cujo fruto produz a sua semente; tal será o vosso alimento. A todo animal da terra, a todo pássaro do céu, a tudo que rasteja sobre a terra e que tem sopro de vida, eu dou como alimento toda erva que amadurece. Assim aconteceu” (Gn 1,29-30).

Em outros textos o vegetarianismo reaparece, como no caso de Daniel e seus companheiros que se destacaram entre os demais sábios da Babilônia após uma dieta de vegetais: “‘Põe teus servos à prova durante dez dias. Que nos sejam dados legumes para comer e água para beber. Depois olharás para nosso rosto e o rosto desses moços que comem das iguarias do rei; e age para com teus servos segundo o que vires!’ Ele

13. BUIS, Pierre. *El Levítico: La Ley de santidad*. Cuadernos bíblicos 116. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003, p. 11.

14. BALENTINE, Samuel E. *Leviticus*. Interpretation, a Bible commentary for teaching and preaching. Louisville: John Knox Press, 2002, p. 124.

lhes deu ouvido e um prazo de dez dias de prova. Ao término dos dez dias, viu-se que eles tinham melhor aparência do que todos os jovens que comiam das iguarias do rei” (Dn 1,12-15).

Alguns textos de teor messiânico descrevem uma nova criação onde os animais viveriam em harmonia uns com os outros e com os humanos. Típico desta tradição é o texto de Isaías: “O lobo habitará com o cordeiro, o leopardo se deitará perto do cabrito. O bezerro e o leãozinho serão alimentados juntos, um menino os conduzirá. A vaca e a urso terão a mesma pastagem, os seus filhotes, o mesmo abrigo. O leão, como o boi, comerá forragem. A criança de peito brincará no ninho da áspide. Na toca da víbora a criança desmamada porá a mão. Não se fará nem mal, nem destruição sobre toda a minha montanha santa, pois a terra estará repleta do conhecimento do Senhor, como as águas recobrem o mar” (Is 11,6-9). Tal quadro paradisíaco permite a inferência de que a nova criação adotaria uma dieta vegetariana. Afinal, o consumo de carne estava em oposição ao ideal edênico e messiânico de um paraíso ecológico de convivência pacífica entre humanos e animais. Como afirmou Richard Bauckham:

A violência entre humanos, entre animais, ou entre humanos e animais, não pode ser parte da intenção suprema de Deus para suas criaturas. Não pode estar presente quando Deus pronuncia seu trabalho “muito bom”. Até aonde vai o futuro escatológico, devemos esperar uma nova criação na qual animais e humanos se relacionam de maneiras pacíficas e em companheirismo que sejam mutuamente enriquecedores¹⁵.

Não obstante o ideal vegetariano presente em alguns segmentos importantes, a Bíblia Hebraica também registra consumo de carne pelos israelitas. De fato, a carne é um alimento compatível com o estilo de vida nômade dos ancestrais hebreus, como visto nas narrativas dos patriarcas. Embora a crítica bíblica proponha a existência de diferentes tradições e documentos subjacentes ao texto da Bíblia Hebraica, cabe notar que a metanarrativa bíblica sugere que o consumo de carne passou a fazer parte da dieta humana por ocasião do dilúvio. Note-se, contudo, que embora o consumo de carne fosse autorizado por Javé, introduziu-se uma distinção entre carne limpa e imunda. Assim, enquanto que se permitia o consumo da carne de determinados animais, havia outros animais cuja carne era considerada imunda e, portanto, proibida para consumo humano (Gn 7,8; 8,20). Adicionalmente, cabe notar que a legislação também proibia a ingestão de sangue (Gn 9,4; Lv 3,17; 7,26-27; Dt 12,16).

Levítico 11 e, resumidamente, Dt 14,4-21 prescrevem de forma concisa e clara os princípios alimentares a serem seguidos pelo povo da aliança. Tentativas modernas de explicar a lógica subjacente a esta legislação têm recorrido hipóteses de normas cúlticas ou sistema de tabus¹⁶. O biblista judeu Baruch Levine propôs uma base socior-

15. BAUCKHAM, Richard. *Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation*, Sarum Theological Lectures, Baylor University Press, Waco, TX, 2010, p. 124.

16. Veja-se, por exemplo, DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger*. Routledge Classics. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

religiosa para as normas dietéticas do Pentateuco. De acordo com Levine “idealmente, a humanidade deve ser sustentada pela produção da terra. Quando, ao contrário, outros seres vivos são usados como alimento, como é permitido, tal uso deve ser restrito aos seres vivos que se sustentam com o que cresce sobre a terra e que não agri-dem outros seres vivos ou atacam o homem”¹⁷.

Um estudo dedicado especificamente às leis dietéticas do Pentateuco argumenta que as referidas leis refletem as categorias de animais apresentadas na cosmologia do relato da criação em Gn 1. Conceitos similares de vida, habitats, locomoção, separação e limites reaparecem nas leis dietéticas de Lv 11. Assim a razão primária para estas leis, sugere este estudo, é respeito pelo Criador. As leis a respeito dos animais limpos mantêm e sustentam a vida. Já as leis relacionadas com os animais imundos estão conectadas com a morte, haja vista os hábitos carnívoros de certos animais, uso de alguns deles em guerras e inadequação à saúde humana¹⁸.

Outro estudioso judeu, Jacob Milgrom, enfatizou os fundamentos éticos do sistema dietético, especialmente no que concerne à proibição do uso de sangue como alimento. Segundo Milgrom, “O ser humano nunca deve perder de vista o princípio fundamental para uma sociedade humana viável. A vida é inviolável, não pode ser tratada levemente. A humanidade tem o direito à nutrição, não à vida. Assim, o sangue, o símbolo da vida, deve ser drenado, devolvido ao universo, a Deus”¹⁹.

Contudo, deve-se notar que o propósito das leis dietéticas está explicitamente exposto no texto bíblico: “Pois eu sou o SENHOR vosso Deus; santificar-vos-eis, portanto, para serdes santos (*qedoshim*), pois eu sou santo (*qadosh*); não vos torneis vós mesmos impuros com todos esses animais que pululam e se agitam sobre a terra. Pois fui eu o Senhor que vos fiz subir da terra do Egito, a fim de que, para vós, eu seja Deus; deveis, portanto, ser santos (*qedoshim*), pois eu sou santo” (*qadosh*) (Lv 11,44-45). Assim, sejam quais forem as explicações para as motivações das leis sacerdotais, o propósito e consequência das mesmas se cristaliza no adjetivo hebraico *qadosh* (santo) e na relação de aliança entre Javé e o povo (“fui eu o Senhor que vos fiz subir da terra do Egito, a fim de que, para vós, eu seja Deus”). Um povo santo é um povo em aliança com Javé, e, por estar em íntima conexão com a vida de Javé, este povo desfruta de saúde em suas múltiplas dimensões.

17. LEVINE, Baruch A., *Leviticus*, The JPS Torah Commentary. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989, p. 248.

18. MOSKALA, Jiri. *The Laws of Clean and Unclean Animals in Leviticus 11: Their Nature, Theology, & Rationale*, Ph.D. diss. Andrews University, Berrien Springs, 1998. A associação das leis dietéticas com a saúde tem sido defendida por alguns comentaristas; veja-se, por exemplo: CRAIGIE, Peter C. *The Book of Deuteronomy*, The New International Commentary on the Old Testament, Eerdmans, Grand Rapids, MI, 1976, 230; HARRISON, R. K., *Leviticus: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries, vol. 3. Downers Grove: InterVarsity Press, IL 1980, p. 127a.

19. MILGROM, Jacob, *Leviticus 1-16: A New Translation With Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 2008, p. 713.

4. Saúde e meio ambiente

Quando o notável erudito Johs Pedersen definiu saúde do ponto de vista bíblico, o conceito de integração do ser humano com comunidade recebeu destaque. Pedersen reconheceu que a integridade do indivíduo jamais poderia ser alcançada sem a integração da pessoa com a comunidade ou sociedade. Isto é, a saúde do indivíduo está inter-relacionada com a saúde/*shalom* da sociedade²⁰. Nos tempos atuais, a questão precisa ser abordada à luz de outro elemento muito importante: o meio ambiente. E aqui a Bíblia Hebraica com sua percepção de um Criador e com sua valorização dos aspectos materiais da realidade oferece uma contribuição significativa.

Gênesis 1 revela um Criador que traz à existência os diferentes elementos da ordem criada e com eles compartilha poder e autoridade para se reproduzirem e exercerem suas funções na natureza. Ao conferir aos humanos a imagem divina para que sujeitassem e dominassem a terra, o Criador intencionava o exercício de um domínio de respeito, proteção e preservação da natureza.

No relato da Criação especial em Gn 2,4-28, a interação positiva dos humanos com o meio ambiente se torna ainda mais explícita. Deus formou o homem do pó da terra, e, com o fôlego divino, animou a argila inerte para que o homem se tornasse um ser vivente. Em seguida, de uma costela do homem Deus formou a mulher para unir-se ao homem. Este relato especial da criação dos humanos manifesta a evidente afinidade entre a humanidade e a terra, pois na terra estão as origens do substrato físico que possibilita a existência da humanidade. Ademais, o sopro vital de Javé Deus que animou a argila inerte refuta qualquer dicotomia entre o material e o espiritual, esposada por algumas correntes filosóficas. O mesmo relato também informa que Javé Deus plantou um jardim no Éden. Cabe ressaltar a caracterização do Criador como jardineiro, alguém envolvido com o plantio das árvores e da vegetação do jardim; em outras palavras, um Criador comprometido com o meio ambiente. E dos humanos é dito que Deus os pôs no jardim para “cultivar o solo e o “guardar” (Gn 2,15). Os termos “cultivar” (*'abad*) e “guardar” (*shamar*) evocam a importância da tarefa a ser executada. Observa-se que ambos os verbos são usados para a atividade sacerdotal de servir e proteger o santuário²¹, o que implica no dever humano de proteger e preservar a criação.

É importante ressaltar a caracterização de Javé como divindade comprometida com a natureza. Não obstante a problemática relação entre humanos e natureza decorrente do pecado humano, Javé reafirmou o compromisso com a preservação da natureza ao incluir os demais “seres vivos” (Gn 9,10) na aliança universal ratificada com Noé. Tal aliança resultou na promessa de preservação da ordem criada, pois “enquanto a terra durar, sementeiras e colheitas, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão” (Gn 8,22). Percebe-se que, não obstante o problema do pecado, Deus estendeu sua graça sobre toda a criação e a incluiu na aliança universal. Nos evangelhos, Jesus reafirma o valor do ser humano diante do mundo criado, mas relembra que Deus não se esquece dos pardais (Mt 10,31; Lc 12,6). Em outra ocasião, Jesus afirmou que as aves e os lírios do campo recebem o sustento do Criador (Mt 6,26.28; Lc 12,24.27).

20. PEDERSEN, Johs. *Israel: Its Life and Culture*. London: Oxford University Press, 1959, p. 263-264.

21. DUMBRELL, William J. *The Faith of Israel: A Theological Survey of the Old Testament*. 2. ed., Grand Rapids, MI, Baker, 2002, p. 21.

A estreita correlação entre pecado humano e degradação do meio ambiente é enfatizada ao longo das Escrituras. A solidariedade entre humanos e natureza, por força da criação divina, faz com que as ações humanas se reflitam na natureza. Do ponto de vista bíblico, crimes contra Deus ou a sociedade são crimes contra a terra na qual estes crimes são cometidos²². Ao confrontar Caim, que havia assassinado seu irmão Abel, Deus perguntou: “‘Que fizeste?’ retrucou ele, ‘a voz do sangue de teu irmão clama do solo a mim. És agora amaldiçoado, banido do solo que abriu a boca para recolher da tua mão o sangue do teu irmão. Quando cultivares o solo, ele não te dará mais a sua força. Serás errante e vagabundo sobre a terra’” (Gn 4,10-12). Ao povo de Israel, a caminho da terra prometida, o Senhor apelou: “Observai todas as minhas leis e todos os meus costumes, e ponde-os em prática, para que não vos vomite esta terra na qual vou fazer-vos entrar para ali instalar-vos” (Lv 20,22).

O profeta Isaías adverte: “A terra está de luto e languescer, o orbe desfalece e languescer, desfalecem as alturas com a terra. A terra foi profanada sobre os pés de seus habitantes, pois estes transgrediram as leis, mudaram os preceitos, romperam a aliança perene. Eis por que a maldição devora a terra, os que a habitam carregam o castigo. Eis por que os habitantes da terra se consomem, restam pouquíssimos. O vinho novo está de luto, languescer a vinha, os de coração alegre gemem todos” (Is 24,4-7).

A Bíblia Hebraica atesta uma profunda solidariedade entre o povo e a terra em virtude da criação. Assim, “todas as ações morais ou imorais têm impacto positivo ou negativo sobre a terra na qual são perpetradas, e a terra responde de forma apropriada”²³. Por isso é necessário enfatizar “a importância de preservarmos os recursos naturais, aqui representados pela terra”²⁴, pois, como afirmou Pedersen, “a tarefa do camponês é lidar gentilmente com a terra, apoiar sua bênção e então colher o que ela produzir por si própria. Se o camponês a exaure, ele ataca-lhe a alma e a mata. Depois disso, ela vai produzir espinhos, abrolhos e coisas do deserto”²⁵. A sensibilidade para com a terra refletida na legislação mosaica ocorre também na declaração de Jó ao pleitear sua inocência: “Se minha gleba contra mim protestou, se seus sulcos romperam em lágrimas, se sua força me alimentou sem eu pagar, se fiz expirar seus administradores, que então em vez de trigo nela cresça espinho e erva fedorenta, em vez de cevada” (Jó 31,38-40).

A ideologia do crescimento econômico ilimitado não deixa nenhum lugar para o descanso de seres humanos ou da criação. A única norma absoluta é a da maximização da produção porque supõe-se que a felicidade humana depende de prosperidade material, da quantidade de posses materiais. Esta é a raiz do problema ecológico na sociedade moderna, na luz do qual temos que perguntar para nós mesmos de que modo hoje a terra pode receber o descanso de que necessita. Rotação de cereais, recusa para usar pesticidas químicos, e o desenvolvimento

22. KAY, Jeanne. “Concepts of Nature in the Hebrew Bible” in Jaffe, Martin D., ed. *Judaism and Environmental Ethics: A Reader*, Lexington Books, Lanham, MD, 2001, p. 196.

23. KAY, Jeanne. Op. cit., p. 196.

24. PADILLA, C. René. “The Relevance of the Jubilee in Today’s World (Leviticus 25).” *Mission Studies* 13, n. 1-2 (1996), p. 15.

25. PEDERSEN, Johs. Op. cit., p. 479.

da agricultura orgânica podem ser passos iniciais na prática contemporânea da responsabilidade ecológica indicada pelo descanso sabático da terra²⁶.

Assim a grave crise ecológica que assola o planeta deve ser enfrentada a partir de uma percepção crítica da arrogância e limitações humanas. Como bem afirmou João Luiz Correia Júnior,

O desleixo com o cuidado que deveríamos ter para com a nossa casa (*oikos*, ecologia) e para com nós mesmos e nossos semelhantes, fez surgir a grave crise ecológica atual, aumentando o abismo crescente que separa ricos de pobres. Precisamos refazer a aliança de simpatia e de amor para com o Deus do cosmos e para com todas as criaturas, por meio da retomada de nossa própria vocação de responsáveis pelo conjunto da obra da criação²⁷.

Conclusão

Na reflexão acima, notamos que as questões relacionadas com a saúde têm um lugar de considerável importância na Bíblia Hebraica, pois a saúde integral do ser humano fazia parte do horizonte dos autores sagrados. Tal mensagem, preservada pela sabedoria milenar dos hebreus, chega aos homens e mulheres contemporâneos como um estímulo para que percebam a saúde em termos integrais e holísticos. Neste caso, saúde não se restringe a mero bem-estar físico, mas inclui em seu escopo mais amplo uma vida de prosperidade, felicidade e harmonia social, comunitária e ecológica, que pode ser plenamente desfrutada, enquanto vivida em aliança com Javé.

Do ponto de vista da atualização destes conceitos à situação contemporânea, torna-se óbvio que as questões relacionadas à saúde devem receber destaque na agenda da Igreja, da sociedade e do governo. Não basta distribuir comida e remédio à população, também se faz necessário prover a infraestrutura de saneamento, informar e educar as pessoas para desenvolverem hábitos que contribuam para o bem-estar integral, incluindo-se a conscientização da importância de uma dieta saudável e hábitos de higiene. Urge também controlar a ganância dos sistemas de produção de alimentos que tem maximizado lucros e minimizado a qualidade dos produtos que deveriam ser fonte de energia e de saúde para a população. Um sistema cruel de abate submete animais a confinamento e os trata com ração especial para satisfazer a produtividade e o lucro. Soma-se a isto a sede de poder econômico que move indivíduos e organizações a destruírem o meio ambiente em busca de lucro egoísta, desrespeitando a própria base física e material que sustenta a vida no planeta. Diante desta crise que ameaça a vida, a saúde e a própria natureza, a Bíblia Hebraica nos aponta um caminho mais ético e nobre de valorização das dimensões totais do ser humano, de respeito às demais criaturas e ao meio ambiente.

Elias Brasil de Souza
Ebsouza_2000@yahoo.com
BR 101, Km 197, Capoeiruçu
44300-000, Cachoeira, BA

26. PADILLA, C. René. Op. cit., p. 15.

27. CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Religião e ecologia: um convite a conspirar em favor da vida, *Hermenêutica*, vol. 10, 2010, p. 21.